

VEREADOR DR. MARCELO ROCHA (PSOL) - Comunicação de Líder: Boa tarde, nos últimos meses vem ocorrendo, marginalmente, um debate na cidade a respeito do que vem ocorrendo na Esquina da Família, a chamada Esquina da Família, ali na João Pessoa: tem ocorrido vandalismo com a placa que marca aquela esquina. A partir disso, vem o debate sobre família tradicional, sobre outras formas de família. Hoje eu vi um artigo na Zero Hora a respeito desse tema, criticando o vandalismo, com o que eu concordo completamente, que a gente não deve manifestar as nossas ideias a partir de violência, de depredação de patrimônio público, até porque isso é de todos. Mas eu acho que é necessário que a gente marque posição, lembrando que não há apenas um tipo de formação familiar. Na verdade, existem múltiplos tipos de formação familiar, e isso é uma coisa que é histórica, não é uma coisa dos novos tempos. Quantos pais não abandonaram filhos e deixaram apenas a mãe criando, ao longo dos séculos! Isso não é de agora. Quantas vezes não aconteceu de haver famílias com casais, inclusive, inférteis, e não é necessário que haja filhos para que seja uma família. Eu moro com meu companheiro, e considero que nós sejamos uma família. Os tios dele, um homem e uma mulher, casados, nunca tiveram filhos, optam por não ter filhos, é opção deles, e formam uma família. Eu gostaria de deixar isso marcado porque eu acho é importante, nesses tempos de intolerância, a gente buscar criar convergências. E nesse sentido, eu acho que é completamente justo a gente, tendo uma Esquina da Família, *o.k.*, a gente também ter uma Esquina da Diversidade. E, portanto, eu vou apresentar o projeto, justamente, para que a gente tenha uma esquina da diversidade em Porto Alegre. Acredito que todos saibam que a nossa colega, Ver.^a Nádia, tem defendido muito essa questão da Esquina da Família – acho justo, uma pauta que está *o.k.* –, e dentro do artigo, a Comandante Nádia fala o que todo mundo sabe hoje: que tem, famílias que são pai com pai, mãe com mãe, respeita e reconhece. Então, nesse sentido, Vereadora, eu gostaria de não apenas apresentar o projeto, mas convidá-la a assinar, em autoria conjunta comigo, demonstrando a tolerância, demonstrando as convergências nestes tempos de tanta polarização. Fica o convite para a senhora, eu achei que era necessário marcar essa posição aqui, porque, diferentemente do que alguns debates trazem de que o movimento LGBT gostaria de reprimir o comportamento heterossexual ou, então, que o movimento LGBT não gosta da família tradicional, não se trata de maneira nenhuma disso. Até hoje a

gente tem uma situação em que o parlamento brasileiro – até gostaria de frisar isso bem –, até hoje, nunca aprovou uma lei de proteção aos LGBTs, nunca aprovou. Hoje o casamento LGBT é possível, o casamento igualitário é possível, simplesmente porque o CNJ articulou uma analogia de que o casamento LGBT seria como o casamento heterossexual e deveria ser reconhecido pela Constituição. Da mesma forma aconteceu com a união estável, da mesma forma aconteceu agora, quando o STF reconhece a equiparação do crime de LGBTfobia ao crime de racismo, como uma maneira de proteger os LGBTs. Nós fomos sempre marginalizados pelo Estado brasileiro, nós fomos sempre excluídos pelo Estado brasileiro de uma maneira intencional, por isso nós necessitamos dos movimentos, nós necessitamos das passeatas. Foi apenas a partir disso, em São Francisco, que se começou a ter algum respeito pela comunidade LGBT. Não se trata, de maneira nenhuma, de reprimir qualquer comportamento ou de não desejar o tipo de família que a gente chama de família tradicional, se trata de reconhecer que nós existimos. Nós não queremos nem aceitação, nós queremos apenas respeito. Muito obrigado.

(Texto sem revisão final.)